

# **NOTAS SOBRE A PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO: TENSÕES ENTRE O DISCURSO DO MESTRE DO (IM)POSSÍVEL EM SUA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL**

**NOTES ON PSYCHOANALYSIS IN EDUCATION: TENSIONS BETWEEN THE (IM) POSSIBLE MASTER'S DISCOURSE IN ITS TRANSFERENTIAL RELATIONSHIP**

**NOTAS SOBRE EL PSICOANÁLISIS EN LA EDUCACIÓN: TENSIONES ENTRE EL DISCURSO DEL MAESTRO DE LO (IM)POSIBLE EN SU RELACIÓN TRANSFERENCIAL**

## **Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos**

● Psicanalista, Mestre e Doutor em Educação. Pesquisador licenciado em Pedagogia com estudos dedicados a inclusão e diversidade, Bacharel em Administração. Especialista em tecnologias educacionais pela USP. Participa como pesquisador colaborador na Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade USP/IEA. Sócio da SBPC Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Membro da Rede Nacional da Ciência para a Educação- CPe.

● E-mail: [douglas.pestana@unifesp.br](mailto:douglas.pestana@unifesp.br)

## RESUMO

Este artigo aborda a interseção entre a psicanálise e a educação, com um foco particular nas tensões surgidas a partir do discurso do mestre, que molda as relações educacionais. Explora-se a dinâmica transferencial que emerge nesse contexto e sua influência na eficácia do processo educacional. A compreensão das complexidades da transferência na educação pode informar práticas pedagógicas mais eficazes e promover um ambiente educacional mais enriquecedor e colaborativo.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Educação, Discurso do Mestre, Relação Transferencial, Processo Educacional.

## ABSTRACT

This article addresses the intersection between psychoanalysis and education, with a particular focus on the tensions that arise from the discourse of the master, which shapes educational relationships. It explores the transference dynamics that emerge in this context and their influence on the effectiveness of the educational process. Understanding the complexities of transference in education can inform more effective pedagogical practices and promote a more enriching and collaborative educational environment.

**Keywords:** : Psychoanalysis, Education, Discourse of the Master, Transference Relationship, Educational Process.

## RESUMEN

Este artículo aborda la intersección entre el psicoanálisis y la educación, con un enfoque particular en las tensiones que surgen a partir del discurso del maestro, que da forma a las relaciones educativas. Se exploran las dinámicas transferenciales que emergen en este contexto y su influencia en la eficacia del proceso educativo. Comprender las complejidades de la transferencia en la educación puede informar prácticas pedagógicas más efectivas y promover un entorno educativo más enriquecedor y colaborativo.

**Palabras clave:** Psicoanálisis, Educación, Discurso del Maestro, Relación Transferencial, Proceso Educativo.

## INTRODUÇÃO

“[...] a psicanálise não pode oferecer à pedagogia nenhuma metodologia. Pois é pelo avesso que ela a toma” (Voltolini, 2011, p. 71).

Inicialmente, lança-se luz a racionalidade imbuída no ato de “Governar, Educar e curar” que são considerados por Freud como as “artes ou ofícios impossíveis”, referindo-se à dificuldade intrínseca e à complexidade dessas tarefas na prática humana. Freud abordou essa temática em dois importantes trabalhos: o prefácio à “Juventude Desorientada” de Aichhorn, escrito em 1925, e “Análise Terminável e Interminável”, de 1937.

Essas artes são consideradas impossíveis porque implicam lidar com a psique humana, que é profundamente complexa e muitas vezes imprevisível. “Governar” envolve a administração e a orientação de uma sociedade, com a necessidade de compreender e influenciar o comportamento humano. “Educar” refere-se ao processo de instrução e formação das mentes e personalidades das pessoas, buscando moldar seu desenvolvimento e conhecimento. “Curar”, por sua vez, implica tratar e ajudar a aliviar os sofrimentos mentais e físicos das pessoas.

No prefácio à “Juventude Desorientada” de Aichhorn, Freud discute a dificuldade de educar os jovens, especialmente aqueles em situações desfavorecidas ou desajustadas. Ele destaca a necessidade de uma abordagem sensível e compreensiva ao lidar com as complexidades da mente humana, enfatizando que a educação pode ser uma tarefa desafiadora devido às variáveis psicológicas e sociais envolvidas.

Em “Análise Terminável e Interminável”, Freud explora a complexidade da análise psicanalítica e a sua natureza aparentemente interminável. Ele reconhece que a psicanálise não oferece uma cura definitiva e que o processo analítico pode continuar indefinidamente, pois a psique humana é intrinsecamente complexa e sujeita a mudanças ao longo da vida.

Esses trabalhos de Freud ressaltam a natureza desafiadora e complexa de governar, educar e curar, destacando que, embora essas tarefas possam ser difíceis e muitas vezes pareçam impossíveis de serem realizadas de maneira absoluta, é importante continuar a buscar compreensão e maneiras de abordá-las de forma eficaz.

Nestes sentidos, há de se concordar que “educar” é um dos atos que Freud considera como uma das “artes ou ofícios impossíveis”. A educação é vista como uma tarefa complexa e desafiadora devido à natureza intrincada da psique humana e à multiplicidade de fatores que influenciam o desenvolvimento e a formação dos indivíduos.

Freud reconheceu que educar não é uma tarefa simples devido à diversidade de personalidades, experiências e processos psicológicos presentes em cada indivíduo. Além disso, a educação não se resume apenas à transmissão de conhecimento; ela envolve moldar valores, atitudes, habilidades sociais e emocionais, o que torna essa tarefa ainda mais complexa.

Embora Freud não tenha produzido textos específicos sobre pedagogia ou contribuído diretamente para esse campo, é possível observar que ele exerceu significativa influência na área ao inspirar e direcionar o trabalho de diversos pesquisadores. Dessa forma, a educação da criança se tornou um objeto central de investigação para inúmeros psicanalistas. Notadamente, a maioria desses estudos concentrou-se no campo dos afetos, com a finalidade de complementar as metas educacionais tradicionais. Nesse sentido, uma abordagem afetiva na educação tenderia a favorecer o desenvolvimento de uma sensibilidade relacional nas crianças, permitindo que estas transcendam o desenvolvimento exclusivamente físico e intelectual (Pedroza, 2010).

Nas últimas décadas, as relações entre Psicanálise e Educação passaram por transformações substanciais, especialmente com a emergência de abordagens contemporâneas da psicanálise e os avanços nos estudos educacionais (Cifalli, 1982; Millot, 1987; Kupfer, 1992; Lajonquière, 1999; Mrech, 1999; Imbert, 2001; Filloux, 2002; Voltolini, 2011, entre outros). Nesse contexto, o diálogo entre esses dois campos de saber tem colocado em evidência reflexões sobre as novas formas de subjetividade, assim como sobre os entendimentos das incertezas e das éticas relativas à condição humana (Pereira, 2005).

Nesse diapasão, uma contribuição significativa desses estudos para a área educacional é a compreensão aprofundada da relação entre aprendizagem e transferência, destacando como os processos afetivos e relacionais influenciam e enriquecem as experiências educativas.

A complexidade da educação está também ligada à interação entre o educador e o educando, que envolve uma dinâmica única de transferência e contratransferência. A relação entre ambos pode influenciar significativamente o processo educacional, tornando-o uma tarefa desafiadora e muitas vezes imprevisível.

Portanto, ao considerar “educar” como uma das “artes ou ofícios impossíveis”, Freud destaca as dificuldades inerentes à prática educacional e à compreensão da mente humana, reconhecendo que é uma tarefa que demanda sensibilidade, conhecimento e adaptação contínua.

A relação entre psicanálise e educação tem sido objeto de interesse e pesquisa ao longo das décadas, proporcionando uma abordagem enriquecedora para compreender as dinâmicas educacionais. Uma das dimensões cruciais dessa interseção é a análise do “discurso do mestre” e sua influência nas relações estabelecidas no contexto educacional. Este artigo busca explorar as tensões que surgem nessa dinâmica e como a transferência pode ser uma lente útil para compreender essas relações.

O “discurso do mestre” é uma noção que se originou da teoria lacaniana, referindo-se à autoridade e ao poder que o educador detém na sala de aula. Este discurso implica uma relação desigual entre o professor, detentor do conhecimento, e o aluno, considerado como o receptor passivo desse conhecimento. Essa relação hierárquica pode gerar tensões e desafios na dinâmica educacional, afetando o processo de aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

A transferência, central na teoria psicanalítica, descreve a projeção de sentimentos, desejos e experiências passadas em relação a figuras de autoridade ou significantes na vida de um indivíduo. Na educação, a transferência pode influenciar a relação aluno-professor de maneira significativa. Os alunos podem transferir sentimentos não resolvidos de figuras de autoridade anteriores para seus professores, impactando a forma como percebem e interagem com eles.

Compreender a transferência na educação é fundamental para os educadores, pois afeta diretamente a eficácia do processo educacional. Se a transferência não é reconhecida e trabalhada adequadamente, as tensões e resistências podem prejudicar a relação de ensino e aprendizagem. No entanto, uma abordagem consciente e reflexiva da transferência pode transformar essas tensões em oportunidades de crescimento e aprendizagem para ambas as partes envolvidas.

Sigmund Freud (1925), o fundador da psicanálise, oferece os alicerces teóricos primordiais que permeiam esta reflexão. Freud, prefaciando o livro *Juventude Desorientada* de Aichorn, vaticinava que nenhuma das aplicações da psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, quanto seu emprego na teoria e prática da educação. (FREUD, 1925).

Suas obras, como “A Interpretação dos Sonhos” e “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, estabelecem as bases conceituais da psicanálise, incluindo a teoria da mente, a importância do inconsciente e a dinâmica dos desejos.

Jacques Lacan (1972), com sua elaboração do conceito do “discurso do mestre”, é uma figura central nesta reflexão. Sua reinterpretação da psicanálise e sua aplicação à linguagem e à estrutura social são fundamentais para a análise das relações de poder e autoridade presentes na educação. A interseção entre psicanálise e educação desvenda um campo fértil de investigação, onde as dinâmicas inconscientes se entrelaçam com os processos pedagógicos.

Nesse contexto, o “discurso do mestre” emerge como uma peça-chave, moldando as relações educacionais e, por extensão, influenciando a forma como o conhecimento é transmitido e assimilado. O discurso do mestre, conforme concebido por Lacan, encapsula a autoridade do professor, a quem é conferido o poder de determinar e difundir o saber. Esta autoridade, muitas vezes implícita e naturalizada, estabelece uma hierarquia entre o educador e o educando, delineando o papel de cada um de forma distintiva e, por vezes, limitante.

Alicerçada na psicanálise, a teoria da transferência emerge como um prisma valioso para examinar as relações dentro do contexto educacional. A transferência revela a projeção de complexas redes de afetos e experiências progressas sobre os

professores, desencadeada pela imbricação entre a figura do educador e as autoridades anteriores na vida do aluno. Essas projeções, muitas vezes inconscientes, podem influenciar profundamente a interação e o desempenho educacional. No entanto, é imperativo destacar que a transferência não é um fenômeno unidirecional; os professores também estão sujeitos a transferências por parte dos alunos, o que pode afetar suas percepções e abordagens pedagógicas.

Ao explorar as tensões latentes no discurso do mestre e na dinâmica transferencial, é vital reconhecer que o ato educacional é um processo dinâmico e complexo, permeado por variáveis interconectadas. Os educadores, conscientes ou não, carregam suas próprias experiências, crenças e preconceitos para a sala de aula. Essas influências podem moldar não apenas a transmissão do conhecimento, mas também a maneira como as mensagens são interpretadas pelos alunos, criando um ciclo contínuo de interações influenciadas pelo passado e pelo presente.

Observar por um olhar crítico dessa dinâmica vemos insights valiosos para melhorar a prática educacional. Ao reconhecer as projeções e transferências que ocorrem, os educadores podem abraçar uma postura reflexiva, ciente de suas próprias influências e abertas à negociação de significados com os alunos. Isso pode levar a um ambiente educacional mais igualitário, colaborativo e propício ao aprendizado mútuo.

No entanto, essa reflexão não pode ocorrer em um vácuo; implicações sociais, culturais e estruturais devem ser levadas em consideração. As desigualdades sistêmicas que permeiam a sociedade muitas vezes se refletem na sala de aula, influenciando a dinâmica da transferência e a eficácia do discurso do mestre.

A psicanálise e a educação, então, se encontram em um ponto crucial de responsabilidade - não apenas para compreender o indivíduo, mas também para transformar e melhorar os sistemas que afetam a educação em sua totalidade. Nesse sentido, a psicanálise pode atuar como uma ferramenta de consciência e mobilização para desafiar e reformar as estruturas educacionais, visando uma sociedade mais justa e equitativa.

Portanto, este artigo procura analisar e discutir criticamente a interseção entre a psicanálise e a educação, destacando a importância da conscientização sobre as

dinâmicas subjacentes, bem como a necessidade de um engajamento reflexivo contínuo por parte dos educadores e da sociedade em geral. Somente ao integrar de forma consciente e crítica a psicanálise na educação, podemos vislumbrar um futuro em que o processo educacional seja verdadeiramente transformador e capacitador para todos os envolvidos.

## ENSINO E TRANSFERÊNCIA: NOTAS SOBRE A APRENDIZAGEM

[...] reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. (Freud, 1901, p. 998).

A transferência, longe de ser exclusiva da psicanálise, está presente em diversas relações humanas, sejam profissionais, hierárquicas, amorosas ou até mesmo conflitivas. A diferença, quando fora do contexto da análise, é que os dois participantes dessa relação geralmente não têm consciência da transferência que ocorre entre eles.

No contexto pedagógico, foco principal desta discussão, a transferência influencia a relação entre aluno e professor. Para o estudante, o professor é visto como o detentor do conhecimento e aquele que tem a capacidade de orientá-lo no processo de aprendizagem. De acordo com Kupfer (1995), a transferência se estabelece através de um intercâmbio inconsciente entre ambos: o inconsciente do professor e o do aluno. Nesse fenômeno, a transferência é construída a partir de uma característica percebida do professor — que pode ser uma característica real ou atribuída — mas que, para o aluno, simboliza um desejo inconsciente.

Freud (1914), em suas reflexões sobre a experiência estudantil, argumenta que o aluno pode projetar simpatias ou antipatias na figura do professor que, na realidade, talvez não existam. No ambiente escolar, é comum que o estudante manifeste uma ambivalência de sentimento em relação ao professor: amor e ódio, respeito e



censura. Mesmo sem o saber, o professor assume o que Freud chama de “uma herança sentimental”, de modo que ele encontra simpatias e antipatias para as quais pouco contribuiu diretamente. Para muitos estudantes, os professores tornam-se substitutos simbólicos dos primeiros objetos e sentimentos amorosos inicialmente direcionados aos pais e irmãos. Cada aluno observa as características de seus professores e, nesse contato com esses substitutos, constrói ou desconstrói suas próprias características (Freud, 1914).

Ademais, as atitudes emocionais, fundamentais para o comportamento futuro do indivíduo nas relações interpessoais, começam a se definir desde a primeira infância, especialmente a partir do relacionamento da criança com suas figuras parentais. É nesse momento que se estabelece “a qualidade e a natureza das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto. Todos que conhece mais tarde tornam-se figuras substitutas desses primeiros objetos de seus sentimentos” (Freud, 1914, p. 248). Sob a ótica da psicanálise freudiana, a transferência revela a natureza do vínculo social construído na infância, especialmente no ambiente familiar.

Freud (1914) considera que a figura paterna é a imagem mais significativa na infância para o menino, que vê o pai como um ideal — a pessoa mais sábia e poderosa. Enquanto se identifica com o pai, o menino projeta sua mãe como objeto de desejo sexual, gerando duas facetas psicológicas distintas que se unem no complexo de Édipo. Nesse estágio, o pai é percebido como um obstáculo em relação à mãe, tornando-se tanto um modelo a ser seguido quanto um rival a ser superado. Como consequência, o menino desenvolve sentimentos ambivalentes em relação ao pai: amor e hostilidade coexistem. Para a menina, ocorre um processo inverso, em que ela se identifica com a mãe e direciona seu desejo ao pai como objeto.

Na segunda metade da infância, algumas mudanças influenciam de forma significativa a construção de uma nova percepção da figura paterna. Conforme Freud (1914), ao explorar o mundo exterior, a criança começa a se distanciar do “pai ideal”, que passa a ser criticado e deixa de ser visto como um ser perfeito.

É precisamente nesse período de transformações na relação com o pai que a criança ingressa na escola. Dessa forma, para compreender a relação da criança

com seus professores, é imprescindível considerar sua relação prévia com as figuras parentais. Para Freud (1914), o professor na escola torna-se alvo da transferência do aluno, que projeta nele as relações passadas vivenciadas na infância. A transferência constantemente convida o indivíduo a retornar a esse ponto de origem; não se trata de recordar de forma consciente o que foi esquecido ou reprimido, mas de reviver essas experiências como fatos presentes.

Na escola, portanto, os professores assumem o papel de figuras simbólicas que representam essas relações primárias, tornando-se, assim, destinatários das projeções inconscientes dos alunos. Eles passam a ser percebidos como “substitutos” de pais ou figuras parentais, com quem os estudantes revivem sentimentos e conflitos originários de suas primeiras experiências afetivas. Nesse processo de transferência, a atitude emocional dos alunos em relação aos professores é marcada por uma ambivalência que espelha o laço emocional prévio estabelecido com suas figuras parentais: o professor pode ser visto como uma figura de autoridade a ser admirada ou desafiada, um modelo a ser seguido ou questionado, ou mesmo um rival, dependendo de como o aluno internalizou essas experiências parentais.

Além disso, a transferência não é um processo estático; ao contrário, é dinâmico e se manifesta no cotidiano escolar de diferentes formas. Por exemplo, um aluno que estabelece uma relação de confiança e carinho com o professor pode transferir para ele sentimentos de segurança e apoio, similares àqueles dirigidos aos pais. Em contrapartida, um aluno que viveu experiências familiares marcadas por conflito ou insegurança pode projetar no professor sentimentos de desconfiança ou hostilidade. Esse fenômeno de transferência, portanto, influencia diretamente o processo de ensino-aprendizagem, afetando a maneira como o aluno se engaja, colabora e interage no ambiente escolar.

A transferência também coloca em evidência a posição ocupada pelo professor como mediador do conhecimento. Ao assumir essa posição, ele não é apenas um transmissor de conteúdos, mas também um modelo de identificação para o aluno. Isso pode facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem, dependendo de como a relação transferencial é vivenciada. Assim, a compreensão das dinâmicas inconscientes que permeiam a relação entre professor e aluno é crucial para que o professor

consiga estabelecer uma relação pedagógica mais eficaz, que promova não só o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento socioemocional do aluno.

Freud (1914) salienta que a transferência é uma “repetição” que acontece no presente das experiências emocionais do passado, como se fossem eventos atuais. Na escola, essas experiências são reencenadas e oferecem tanto oportunidades quanto desafios para a prática pedagógica. Por um lado, quando bem compreendida e manejada, a transferência pode contribuir para um ambiente de aprendizagem mais seguro, afetivo e propício ao desenvolvimento. Por outro, a falta de consciência sobre esses processos inconscientes pode resultar em relações pedagógicas conflitivas, nas quais o aluno resiste ao aprendizado ou expressa sentimentos de desmotivação, incompreensão e até mesmo rejeição em relação ao professor.

Assim, a transferência no contexto escolar é um fenômeno inevitável e multifacetado, que se revela através da relação emocional e afetiva entre professores e alunos. Reconhecer a presença da transferência e suas implicações na dinâmica da sala de aula possibilita ao professor compreender melhor as reações dos alunos e lidar de forma mais sensível com suas necessidades emocionais e cognitivas. Dessa forma, a escola não apenas se configura como um espaço de transmissão de saberes, mas também como um espaço de transformação e ressignificação das experiências afetivas e emocionais dos alunos, onde aprender e ensinar estão intrinsecamente ligados ao ato de cuidar e compreender as complexidades do desenvolvimento humano.

A concepção de Freud sobre educação como transferência de um legado de pai para filho reflete um aspecto essencial na formação da psique individual e na estruturação da sociedade. O ato de educar vai além da mera transmissão de conhecimentos; envolve a transmissão de valores, normas e complexos que se desenvolvem em um contexto interacional.

A relação pedagógica, segundo essa perspectiva, é intrinsecamente humana e está ancorada no tecido social e psíquico. A conexão que se estabelece entre o educador e o educando, impregnada de afetos, representa uma peça-chave no processo educacional. Essa relação não é apenas um meio de repassar informações, mas uma maneira de promover o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Dentro dessa abordagem, a transferência emerge como um conceito-chave. Freud, em sua exploração da dinâmica da transferência na técnica psicanalítica, destacou sua relevância como motor no tratamento. Essa mesma transferência, no contexto educacional, pode ser percebida, não apenas em relação aos conhecimentos, mas também à autoridade e à figura do educador.

O professor assume um papel crucial, indo além da mera transmissão de conteúdos. Ele se torna um suporte para os investimentos emocionais dos alunos, figurando como objeto de transferência. Além disso, representa uma função que muitas vezes substitui as figuras parentais, desempenhando um papel de saber, idealização e poder. Contudo, essa posição é ambivalente, envolvendo amor, crítica, respeito e desafio.

A aprendizagem, segundo essa perspectiva, está ligada intrinsecamente à transferência. A figura do educador é colocada em um lugar que é determinado, em grande parte, pelo desejo inconsciente do aluno. Esse desejo, por sua vez, molda o modo como a informação é recebida e internalizada, conferindo ao professor uma autoridade que é outorgada pelo aluno, não imposta.

A relação entre discurso e aprendizagem, como discutido por Lacan, proporciona uma lente teórica valiosa para entender o papel do educador. Os discursos do mestre, do universitário, do analista e da histórica delineiam formas fundamentais de interação e comunicação na sociedade. A estruturação desses discursos e a forma como os sujeitos se conectam a eles afetam profundamente o processo educacional.

Neste sentido, a educação, desde a infância até a vida universitária, é impulsionada pela transferência. A compreensão do desejo e do poder subjacentes a essa transferência é essencial para que o educador possa ocupar um lugar de saber que engaje verdadeiramente o aluno. Tecnologias e métodos pedagógicos modernos podem ser eficazes, mas sem a compreensão e a ativação da transferência, a verdadeira aprendizagem pode não ocorrer de maneira plena.

A concepção freudiana de educação como transferência, ao incorporar a complexidade das relações educacionais e o papel crucial do educador, nos convida a olhar além das práticas educacionais convencionais. Esta abordagem nos lembra que cada interação educacional é carregada de subjetividades tanto do educador quanto

do educando. Em termos freudianos, isso significa que as experiências passadas, desejos inconscientes e emoções profundas dos indivíduos podem influenciar significativamente o processo educativo.

Considerando a transferência e a contratransferência, a abordagem freudiana sugere que as emoções do educador e do educando podem se entrelaçar de maneiras complexas, refletindo e recriando dinâmicas de relacionamentos passados. Isso ressalta a importância de os educadores estarem atentos às suas próprias subjetividades e como elas podem afetar a relação educacional. Um educador que compreende e reflete sobre sua própria psique pode criar um ambiente de aprendizagem mais empático e responsivo às necessidades emocionais e psicológicas dos alunos.

Além disso, a abordagem freudiana destaca a necessidade de criar um ambiente educacional emocionalmente seguro. Neste contexto, os alunos são encorajados a expressar seus pensamentos e sentimentos livremente, o que é fundamental para seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Reconhecer e abordar as questões emocionais e inconscientes dos alunos pode levar a um aprendizado mais profundo e significativo.

Ao considerar o desenvolvimento psicosssexual de Freud, os educadores podem ganhar insights sobre as necessidades e comportamentos dos alunos em diferentes fases de desenvolvimento. Isso pode orientar a prática educacional para ser mais alinhada às capacidades emocionais e cognitivas dos alunos em várias idades.

Neste pensamento, é justo dizer que, a perspectiva freudiana na educação nos convida a uma reflexão profunda sobre a natureza humana e suas implicações no processo educacional. Reconhecer o impacto da psique no aprendizado não apenas abre caminho para práticas mais reflexivas e eficazes, mas também para uma compreensão mais profunda da jornada educativa como um todo.

## **NOTAS SOBRE A FALA DO MESTRE EM RELAÇÃO A IMPOSSIBILIDADE**

A análise do discurso do Mestre na educação lança luz sobre a dinâmica central que permeia a relação educacional, delineando papéis e expectativas dos envolvidos.

O Mestre, como detentor do saber, convoca o educando, o “Outro”, para satisfazer suas necessidades de aprendizado, configurando-se como a figura autoritária e legitimada pela sociedade para transmitir conhecimento. Essa relação, fundamentada na submissão do educando e no poder do educador, reflete uma estrutura paradigmática presente em diversas esferas sociais.

A centralidade do discurso do Mestre reside na manutenção da alienação do educando em relação ao educador, considerado como detentor do saber absoluto. Esse discurso se enraíza na dinâmica do desejo humano, onde o sujeito se submete à autoridade do Mestre, esperando satisfazê-lo ao adquirir conhecimento e, por extensão, sua aprovação e reconhecimento. Essa dinâmica, profundamente enraizada no inconsciente, molda a construção da subjetividade e é refletida nas relações educacionais.

Entretanto, é vital compreender que, dentro do discurso do Mestre, há uma complexidade subjacente. O Mestre, por mais que detenha conhecimento, está ciente de sua limitação e falibilidade. Essa consciência de que não detém todo o saber o torna, paradoxalmente, mais apto a ensinar. A educação, dentro desse contexto, exige a capacidade de suportar a angústia inerente a essa posição discursiva, que implica a renúncia à onipotência narcísica e a aceitação da própria falta de conhecimento absoluto.

O educador, ao adotar o papel de Mestre, torna-se um guia que auxilia o educando a navegar por um mar de saberes, a direcionar sua busca pelo conhecimento e a enfrentar a incompletude desse saber. Não é meramente um transmissor de informações, mas alguém que sabe como fazer o educando aprender e compreender a complexidade do mundo que o cerca. Nesse processo, o educador atua como um mediador, facilitando a jornada do educando na descoberta de seu próprio saber.

A influência do discurso do Mestre na educação também se estende à estrutura institucional. O educador, investido pela autorização parental e institucional, representa não apenas um transmissor de conhecimento, mas um símbolo da autoridade educacional. Essa autoridade é essencial para criar um ambiente propício ao aprendizado, com limites e orientações que orientem a jornada educacional do aluno.

Assim, ao refletir sobre a educação no discurso do Mestre, somos desafiados a compreender a dinâmica entre o educador e o educando, a consciência da falta de conhecimento absoluto e a importância do papel mediador do educador. Essa abordagem nos convida a repensar o conceito de autoridade e sua relação com a busca pelo conhecimento, aprofundando nossa compreensão do processo educacional e suas complexidades.

Sobre a impossibilidade idealizada no campo educativo, cabe lançar luz ao fato de que as dificuldades de aprendizagem se tornaram um dos temas centrais nos debates educacionais contemporâneos, frequentemente sendo responsabilizadas por uma ampla gama de problemas que afetam tanto o cotidiano escolar quanto o ambiente familiar. Tal destaque reflete uma série de transformações e pressões sociais que se acumulam ao longo do tempo. Ainda que essas questões não sejam propriamente recentes, visto que se estendem por décadas, a atenção crescente a essas dificuldades tem raízes multifatoriais, envolvendo aspectos pedagógicos, psicológicos e sociais. Vale ressaltar que, diferentemente do adulto, a criança possui um campo restrito em que é demandada por respostas que apontam para um ideal de completude ou sucesso — campo este que está, predominantemente, associado ao desempenho escolar. Enquanto o adulto é cobrado pelo sucesso profissional, pela estabilidade financeira e por outros parâmetros de realização social, a criança frequentemente enfrenta a expectativa singular de se destacar nos estudos, considerada sua principal “obrigação.”

Nesse contexto, as dificuldades de aprendizagem tornam-se um sintoma que mobiliza preocupações tanto de pais quanto de professores. A criança, cujo papel social é principalmente aprender, acaba sendo vista por sua capacidade (ou incapacidade) de corresponder a essas expectativas acadêmicas. Por isso, quando ocorre uma dificuldade ou falha nesse âmbito, tal sintoma é percebido como uma ameaça ao desenvolvimento e ao futuro do aluno. Isso muitas vezes leva pais a reforçarem que o “único dever” de seus filhos é estudar, tornando inadmissível qualquer obstáculo ao sucesso acadêmico. A expectativa é de que a criança demonstre desempenho exemplar, o que gera uma pressão significativa para que ela se adapte ao modelo escolar e alcance resultados satisfatórios, deixando pouco espaço para a compreensão das dificuldades de aprendizagem como parte do processo de desenvolvimento.

A escola, por sua vez, funciona como um espaço de normalização e avaliação constante, onde a noção de sucesso é padronizada e mensurada de acordo com critérios de desempenho. Nessa perspectiva, as dificuldades de aprendizagem podem ser vistas como desvios da norma, requerendo intervenções específicas para que a criança “se ajuste” ao esperado. Entretanto, é necessário problematizar essa visão reducionista, que desconsidera os múltiplos fatores que influenciam a aprendizagem. As dificuldades escolares muitas vezes refletem processos complexos de desenvolvimento, englobando aspectos emocionais, sociais, culturais e cognitivos. Ao patologizar a dificuldade de aprendizagem, há um risco de desconsiderar a singularidade do percurso educativo de cada criança, reduzindo suas experiências a indicadores de fracasso ou sucesso escolar, sem considerar que tais experiências fazem parte de um processo mais amplo de construção de subjetividade e relação com o mundo.

A pressão para superar essas dificuldades e alcançar a desejada completude no campo acadêmico também coloca em evidência o papel da família e da sociedade. As expectativas depositadas na criança refletem, em grande medida, o desejo de que ela corresponda a determinados padrões de sucesso, considerados socialmente valorizados. Os pais, muitas vezes, projetam em seus filhos aspirações que remetem à própria história, desejos de realização que nem sempre foram concretizados ou mesmo expectativas de que os filhos superem suas próprias limitações. Essa projeção transforma o sucesso acadêmico em um símbolo de realização pessoal e familiar, o que pode intensificar ainda mais as tensões em torno das dificuldades de aprendizagem. A criança, ao experimentar o fracasso ou dificuldade escolar, acaba carregando não apenas o peso de seu próprio processo de aprendizagem, mas também as expectativas e ansiedades daqueles ao seu redor.

Portanto, é preciso considerar que o sintoma das dificuldades de aprendizagem se instala precisamente no lugar onde se espera o sucesso. A escola torna-se o espaço privilegiado onde as pressões sociais, familiares e educacionais convergem, transformando o aprendizado em um cenário de validação ou negação da criança enquanto sujeito. Contudo, ao invés de tratar essas dificuldades como patologias a serem eliminadas, seria mais produtivo adotar uma abordagem que reconheça a complexidade do processo educativo e as diferentes formas de aprender. A dificuldade



de aprendizagem pode ser compreendida como um sinal que convoca educadores, famílias e instituições a repensarem suas práticas, expectativas e formas de apoio. Dessa forma, a escola se reafirma não apenas como um espaço de transmissão de conhecimento, mas também como um ambiente acolhedor, onde o aprendizado é visto como um processo dinâmico e individualizado, capaz de acolher a diversidade de trajetórias de cada aluno e suas singularidades no ato de aprender.

Nesse contexto, o professor frequentemente se vê impossibilitado de educar de forma plena por várias razões que estão interligadas às pressões e expectativas depositadas sobre o processo de aprendizagem. Primeiramente, o mestre encontra-se inserido em um ambiente escolar que enfatiza o sucesso acadêmico e a padronização do desempenho, muitas vezes desconsiderando as singularidades e ritmos de aprendizagem de cada aluno. Isso cria um cenário em que o professor é pressionado a cumprir metas de desempenho e objetivos curriculares que nem sempre dialogam com as necessidades individuais dos alunos, sobretudo daqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem. Ao ser instado a seguir padrões rígidos de ensino e avaliação, o professor pode sentir-se limitado em sua capacidade de oferecer um ensino verdadeiramente inclusivo e que acolha as diferenças.

Além disso, o mestre enfrenta uma tensão contínua entre as expectativas da escola, da família e da sociedade em geral. Como o desempenho escolar tornou-se um dos principais indicadores de sucesso na infância, o professor frequentemente se vê na posição de mediador dessas expectativas, carregando a responsabilidade de “corrigir” ou “superar” as dificuldades de aprendizagem dos alunos. A ideia de que a única obrigação da criança é estudar — e de que qualquer falha nessa área reflete uma problemática que deve ser solucionada — coloca o professor como agente de resolução imediata de problemas, desconsiderando que educar vai além de transmitir conteúdos ou ajustar comportamentos ao esperado. O professor, então, sente-se pressionado a garantir resultados rápidos, o que pode dificultar seu papel como mediador e facilitador de processos de aprendizagem que envolvem acolhimento, tempo e individualização.

Ademais, ao lidar com dificuldades de aprendizagem, o professor frequentemente se depara com o desafio de equilibrar a necessidade de apoiar o desenvolvi-

mento emocional dos alunos e a obrigação de seguir uma estrutura curricular pré-estabelecida. A pressão para cumprir um currículo denso e uma carga horária muitas vezes exaustiva pode impedir o mestre de oferecer o tempo e a atenção necessários para lidar com as particularidades de cada aluno. O foco excessivo na padronização e na avaliação quantitativa restringe a possibilidade de criar um ambiente de aprendizagem que valorize a subjetividade, o acolhimento e o respeito aos diferentes tempos de desenvolvimento. Nesse sentido, o mestre pode se sentir impedido de educar de forma mais ampla, pois os processos de aprendizagem são vistos de forma linear, desconsiderando os aspectos afetivos e relacionais que fazem parte do ato de educar.

Além disso, o professor encontra-se constantemente diante do dilema da falta de recursos e apoio institucional para lidar com as dificuldades de aprendizagem de forma eficaz. Muitas vezes, a ausência de formação continuada, materiais pedagógicos adaptados e equipes multidisciplinares que colaborem para um acompanhamento individualizado limitam a capacidade do mestre de implementar práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. Assim, mesmo que o professor esteja disposto a desenvolver estratégias que levem em consideração a singularidade de cada aluno, ele pode se ver impossibilitado de efetivar essas práticas devido à falta de estrutura e apoio necessário para tal.

Finalmente, a própria concepção da dificuldade de aprendizagem como um “sintoma a ser corrigido” pode levar o mestre a experimentar um sentimento de impotência diante do processo educativo. Quando as dificuldades são vistas apenas como obstáculos que impedem o alcance de um padrão de sucesso, ao invés de oportunidades para compreender e intervir de forma personalizada na trajetória de aprendizagem de cada aluno, o professor perde a autonomia de seu ato pedagógico. Ele se vê na posição de seguir protocolos rígidos que priorizam o cumprimento de metas, em vez de promover o desenvolvimento integral do estudante. Essa impossibilidade de educar, então, decorre não da incapacidade do professor em si, mas da lógica institucional e social que condiciona o processo educativo a resultados e padrões, desconsiderando a complexidade e a subjetividade inerentes ao ato de aprender e ensinar.

## O IMPOSSÍVEL E A NOÇÃO DE “SABER”

O “Mestre do Impossível”, uma figura que transcende o discurso tradicional do Mestre, lida de forma única e desafiadora nesse contexto educacional. Ele representa um paradigma distinto, rompendo com a concepção convencional do educador como alguém que detém todo o saber e que o educando deve satisfazer. O “Mestre do Impossível” não apenas reconhece sua própria falta de conhecimento absoluto, mas também estimula e desafia o educando a explorar os limites do que é considerado possível.

Dentro do contexto educacional, o “Mestre do Impossível” adota uma postura que vai além da mera transmissão de conhecimento. Ele instiga a curiosidade, incentiva a criatividade e encoraja o educando a questionar, explorar e desafiar as fronteiras do conhecimento.

Em vez de ser uma autoridade que demanda a satisfação do educando, ele se torna um facilitador que provoca a busca pelo inalcançável, pelo desconhecido. Essa abordagem amplia os horizontes da educação, estimulando os educandos a se aventurarem em territórios inexplorados, a questionarem convenções e a conceberem soluções inovadoras para os desafios enfrentados. O “Mestre do Impossível” desafia os estudantes a ultrapassarem seus próprios limites, a transcenderem barreiras preestabelecidas e a vislumbrarem possibilidades antes consideradas inatingíveis.

Além disso, o “Mestre do Impossível” fomenta uma mentalidade de aprendizado contínuo e flexível. Ele encoraja a adaptabilidade, a resiliência e a abertura a novas perspectivas. Em vez de temer o fracasso, ele o encara como uma oportunidade de aprendizado e crescimento. Assim, o educando é instigado a enfrentar desafios com coragem e a persistir mesmo diante das dificuldades.

Essa abordagem inovadora na educação tem o potencial de gerar indivíduos mais criativos, críticos e autoconfiantes. Ao aprender a lidar com o impossível, os educandos desenvolvem habilidades para resolver problemas complexos, pensamento crítico, colaboração e uma atitude positiva em relação às incertezas.

No entanto, é fundamental que o “Mestre do Impossível” equilibre o desafio ao impossível com o suporte e a orientação necessários. Ele deve criar um ambiente

seguro e encorajador, onde os educandos se sintam capacitados a explorar e experimentar, sabendo que têm um mentor que os apoia nessa jornada.

O Chamado “Mestre do Impossível” traz uma abordagem transformadora para a educação, ampliando horizontes e inspirando educandos a ultrapassarem as fronteiras do conhecimento estabelecido. Essa visão desafia o status quo e promove uma educação mais dinâmica, envolvente e alinhada com as necessidades e demandas de um mundo em constante evolução.

De onde sai isso, o fato de que haja nesse lugar um significante de senhor? Pois este é precisamente o S2 do senhor, mostrando o cerne do que está em jogo na nova tirania do saber. Isto é o que torna impossível que nesse lugar apareça, no curso do movimento histórico, o que cabe à verdade. [...]. O sinal da verdade está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido pelos que substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são eles próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros. Sociedade de consumo, dizem por aí. Material humano, como se enunciou um tempo - sob os aplausos de alguns que ali viram ternura (Lacan, 1969-1970, p. 30).

A visão de Freud sobre a educação, frequentemente referida como a do “Mestre do Impossível”, encontra um paralelo fascinante e relevante na realidade educacional de hoje. Essa abordagem, que visa transformar e ampliar horizontes, ressoa fortemente em um mundo educacional que está cada vez mais focado em desafiar o status quo e promover aprendizagem dinâmica e envolvente.

Atualmente, a educação enfrenta o desafio de preparar os alunos para um mundo que está em constante evolução, onde o conhecimento tradicional rapidamente se torna obsoleto. A abordagem freudiana, com sua ênfase na compreensão profunda das subjetividades humanas e na importância das relações educacionais, oferece uma base sólida para desenvolver práticas educacionais que não apenas transmitem conhecimento, mas também equipam os alunos para navegar e adaptar-se a um mundo em mudança.

A realidade digital em que vivemos atualmente também reflete a necessidade de uma educação que vá além do tradicional. A exposição constante a novas informações e a rápida mudança tecnológica exigem uma abordagem educacional que não apenas ensine fatos, mas também fomente habilidades críticas de pensamento e adaptação. A perspectiva freudiana de que cada interação educacional é influenciada pelas subjetividades do educador e do educando destaca a importância de uma educação que é personalizada e sensível às necessidades individuais dos alunos.

Além disso, a crescente consciência sobre a saúde mental e o bem-estar dos alunos reforça a relevância da abordagem freudiana na educação. Reconhecendo o impacto das emoções e do inconsciente no processo de aprendizagem, os educadores estão cada vez mais buscando criar ambientes de aprendizagem que não apenas se concentrem no conhecimento acadêmico, mas também apoiem o desenvolvimento emocional e psicológico dos alunos.

A educação de hoje, portanto, reflete a visão transformadora de Freud ao desafiar os métodos convencionais e promover uma abordagem mais holística e adaptativa ao ensino. Esta abordagem não só prepara os alunos para o futuro incerto, mas também os inspira a ultrapassar as fronteiras do conhecimento estabelecido, cultivando uma mentalidade de aprendizado contínuo e adaptabilidade essencial para prosperar em um mundo em constante mudança.

De fato, a noção de saber ou o lugar de saber do professor se torna vacilante quando as expectativas de sucesso escolar e a padronização do conhecimento se sobrepõem à dinâmica de ensino e aprendizagem. O mestre, ao ser visto como detentor de um saber absoluto, frequentemente sente a pressão de corresponder a essa expectativa, o que pode se traduzir em uma relação opressiva com o próprio saber que ele acredita dominar. Neste cenário, a psicanálise pode oferecer uma perspectiva alternativa que auxilia o professor a reposicionar-se em relação ao seu saber, tornando-se uma referência de apoio e mediação, e não de imposição.

A partir da perspectiva psicanalítica, é possível repensar o lugar de saber do professor, entendendo-o como uma construção que se dá na relação com o aluno e não como algo fixo e absoluto. A psicanálise destaca a importância do reconheci-

to da “falta” de saber, ou seja, da incompletude inerente ao conhecimento. Isso implica compreender que o saber é sempre parcial, provisório e em constante construção, o que libera o professor da necessidade de se colocar como um “mestre total” e permite que ele se apresente como um sujeito que também está em processo de aprender e descobrir. Esse posicionamento cria espaço para que o mestre possa dialogar com o aluno de maneira mais horizontal, reconhecendo e acolhendo as incertezas e questionamentos que fazem parte do processo educativo.

Além disso, a psicanálise contribui para que o professor desloque-se de uma posição de autoridade que exerce o saber de forma vertical para uma postura mais reflexiva e aberta ao diálogo com o aluno. Ao entender que o saber não é um conteúdo a ser imposto, mas uma experiência de construção conjunta, o mestre pode adotar uma postura que facilita o desenvolvimento da autonomia e da criatividade dos estudantes. A transferência, fenômeno central na psicanálise, pode ser entendida aqui como uma oportunidade para o professor se tornar uma referência simbólica para o aluno, sem a necessidade de recorrer à opressão ou ao controle. Nessa relação transferencial, o professor torna-se uma figura que desperta no aluno a curiosidade e o desejo de aprender, ao invés de ser alguém que impõe um saber rígido e definitivo.

Outro aspecto fundamental que a psicanálise traz ao campo da educação é a compreensão de que o saber não é algo neutro, mas está atravessado por desejos, fantasias e significações inconscientes. Quando o professor assume a posição de “todo-saber”, corre o risco de atuar como um opressor, bloqueando o processo de aprendizagem ao exigir que o aluno se adapte a um modelo que não necessariamente faz sentido para ele. A psicanálise ajuda o professor a lidar com sua própria relação com o saber e a reconhecer os limites e possibilidades dessa relação, permitindo que ele se apresente como uma referência que abre espaço para a singularidade e a subjetividade de cada aluno. Ao reconhecer que o saber está em constante negociação e que cada aluno tem uma forma única de se apropriar dele, o professor pode tornar-se um facilitador que acompanha e apoia a trajetória individual de aprendizagem, ao invés de impor conhecimentos prontos e fechados.

A psicanálise também permite ao professor compreender que a resistência dos alunos ao processo de aprendizagem muitas vezes não é uma rejeição ao saber em si,

mas uma resposta às condições em que o saber é apresentado. Ao abordar as dificuldades e resistências como parte natural do desenvolvimento subjetivo, e não como falhas que precisam ser eliminadas, o professor pode criar um ambiente de aprendizagem que valoriza a escuta e o diálogo, e que respeita os ritmos e processos de cada aluno. Essa abordagem promove uma educação que não se baseia na opressão ou na imposição, mas no encontro de saberes que se constroem na relação, valorizando o ato de aprender como um processo dialético e relacional.

Por fim, a psicanálise intenta ajudar o professor a encontrar um equilíbrio entre ser uma referência de saber e reconhecer as limitações desse saber. Isso significa entender que a função do mestre não é fornecer todas as respostas, mas estimular a capacidade de questionamento e reflexão crítica nos alunos. O mestre que assume uma posição de abertura e humildade em relação ao seu saber, que acolhe o “não saber” como parte do processo educativo, torna-se um modelo mais acessível e inspirador, permitindo que os estudantes vejam no saber não um fardo ou uma imposição, mas uma possibilidade de descoberta e crescimento pessoal. Dessa forma, o professor não é uma figura opressora, mas um facilitador que guia os alunos em uma jornada de construção conjunta de conhecimento e de subjetividade.

## À GUIA DE UMA IN(CONCLUSÃO)

A análise da relação entre psicanálise e educação, especialmente no contexto da dinâmica transferencial, oferece uma perspectiva valiosa para educadores e profissionais da saúde mental. Reconhecer e compreender as complexidades da transferência na educação pode melhorar a eficácia do ensino, promover um ambiente educacional mais colaborativo e proporcionar uma experiência educacional enriquecedora para os alunos. A integração de conceitos psicanalíticos na prática educacional pode ampliar nosso entendimento das interações humanas, enriquecendo assim a abordagem pedagógica.

É na etapa em que ocorreu de se definir que é impossível demonstrar-se como verdadeiro o registro de uma articulação simbólica que o real se situa, que o real se define como o impossível. Eis o que pode servir-nos para medir nosso amor pela

verdade - e o que pode nos fazer tocar de perto por que governar, educar, analisar também, e - por que não? - fazer desejar, para completar com uma definição o que caberia ao discurso da histórica, são operações que, falando propriamente, são impossíveis (Lacan, 1969-1970, p. 164-165).

Diante das reflexões sobre o papel da educação na contemporaneidade, guiadas pelas análises de Lacan sobre os discursos e os impossíveis inerentes à governança, à educação e à análise, percebemos um cenário desafiador e complexo para os professores da atualidade. A educação, muitas vezes transformada em um bem de consumo, perde sua essência como dispositivo simbólico de formação de sujeitos capazes de se inscreverem na cultura de maneira crítica e autônoma.

Nesse contexto, é vital reconhecer que o verdadeiro motor da educação é o impossível, o Real que escapa às tentativas de governar, educar e analisar de forma total e absoluta. O entendimento de que somos malgovernados, mal-educados e que a psicanálise nunca nos trará uma total satisfação revela a necessidade de colocar o impossível como ponto de partida, como a energia que impulsiona a transformação e a busca pelo saber legítimo.

Para os professores contemporâneos, a compreensão do seu lugar como falante e do discurso que exercem é crucial. Os discursos na educação estão em constante movimento, e é fundamental reconhecer que nenhum deles permanece em uma única modalidade discursiva. A introdução do discurso do Analista traz uma inovação, pois convida o educador a ir além da busca incessante por saber, a adentrar o campo do desejo e do não-saber, possibilitando uma reflexão mais profunda sobre o que de fato “deixa a desejar”.

Essa nova perspectiva convida o educador a dialogar com o saber científico de forma mais subjetiva, a explorar o que está velado, a seguir os rastros dos significantes recalçados e a construir um saber mais autêntico sobre si mesmo e sua prática educacional. Esse processo de autoconhecimento e desconstrução do ideal de mestria pode ser transformador, permitindo ao educador oferecer uma educação mais genuína e significativa.

A relação entre o educador e os educandos oferece a oportunidade de resgatar o lugar do Mestre, não como uma posição autoritária, mas como alguém que guia,



questiona e incentiva a busca pelo saber. Ao reconhecer a importância de incluir o não-saber na construção de um espaço educacional, os professores podem resgatar a plasticidade subjetiva dos dispositivos discursivos contemporâneos e criar um ambiente propício para o desenvolvimento pleno dos educandos.

Assim, a educação contemporânea precisa transcender a visão utilitarista de ensino, priorizando o desenvolvimento humano integral, a reflexão crítica e a formação de sujeitos capazes de lidar com o impossível, reconhecendo que é justamente nesse “não-saber” que reside o verdadeiro motor da transformação e da busca pelo saber autêntico. É desse reconhecimento que nasce a possibilidade de uma educação verdadeiramente significativa e emancipatória.

Na relação entre educador e educandos, resgatar o lugar do Mestre como guia, questionador e incentivador da busca pelo saber é essencial. Esta abordagem se afasta da noção tradicional de autoridade para adotar um papel mais colaborativo e investigativo na educação. Ao fazer isso, os professores podem encorajar uma cultura de aprendizagem onde o não-saber não é visto como uma falha, mas como um ponto de partida valioso para a exploração e descoberta.

Incluir o não-saber na construção do espaço educacional é uma maneira poderosa de resgatar a plasticidade subjetiva dos dispositivos discursivos contemporâneos. Isso cria um ambiente mais dinâmico e inclusivo, onde os alunos se sentem seguros para expressar suas dúvidas e explorar novas ideias. Ao fazer isso, os educadores podem ajudar a desenvolver pensadores críticos e criativos, que estão mais preparados para enfrentar os desafios complexos de nosso mundo em constante mudança.

A psicanálise oferece uma perspectiva interessante e complexa sobre a transmissão do conhecimento, explorando não apenas o ato de transmitir conteúdos, mas também os processos inconscientes que permeiam essa transmissão e a relação entre o professor, o aluno e o saber. Essa abordagem destaca que o conhecimento não é algo neutro ou objetivo a ser simplesmente repassado de um sujeito ao outro, mas sim uma experiência marcada por desejos, transferências e processos subjetivos.

Em primeiro lugar, a psicanálise enfatiza que a transmissão do conhecimento envolve a transferência — um fenômeno psíquico pelo qual o aluno projeta no pro-

fessor e no processo de aprendizagem uma série de expectativas, desejos e conflitos inconscientes. Nesse contexto, o professor não é apenas um transmissor de saberes, mas também um “porta-voz” de significações inconscientes que podem mobilizar afetos positivos ou negativos no aluno, como admiração, resistência, amor ou ódio. Isso significa que a transmissão do conhecimento é mediada por uma dinâmica relacional complexa, onde o saber é desejado, rejeitado, idealizado ou questionado, dependendo de como a figura do professor é percebida e de como essa transferência é manejada na relação pedagógica.

Além disso, o conceito psicanalítico de desejo é fundamental para entender a transmissão do conhecimento. O ato de ensinar não se reduz à mera transmissão de informações; é também a transmissão de um desejo pelo saber, de um desejo de buscar, explorar e descobrir. O professor, ao se colocar como alguém que sabe, instiga no aluno um desejo de saber. No entanto, para que esse desejo seja mobilizado, é preciso que o saber não seja apresentado como algo acabado e estático, mas como algo que instiga a curiosidade e a investigação. Nesse sentido, a transmissão do conhecimento envolve despertar no aluno um desejo de aprender, mantendo sempre uma falta ou um “não saber” que impulsiona o movimento em direção ao conhecimento.

A psicanálise também propõe que o processo de transmissão do conhecimento é atravessado pela noção de falta, tanto no professor quanto no aluno. O professor não detém todo o saber; ele também é um sujeito em falta, em processo de aprender e descobrir. Essa incompletude é essencial, pois ao apresentar-se como alguém que não sabe tudo, o professor permite que o aluno ocupe o espaço de sujeito do saber, construindo seu próprio percurso de aprendizagem. A transmissão do conhecimento, portanto, não é uma imposição unilateral, mas um processo dialógico, em que o saber é construído e reconstruído na relação entre professor e aluno, marcada pelo reconhecimento mútuo da incompletude.

Ainda sob a ótica da psicanálise, é relevante considerar que a transmissão do conhecimento não se faz sem resistência. O aluno nem sempre acolhe o saber de forma direta; há momentos de resistência, questionamento e rejeição, que são parte integrante do processo de aprendizagem. A psicanálise reconhece que o saber está intimamente re-

lacionado com a estrutura psíquica de cada sujeito, ou seja, com seus desejos, fantasias e conflitos inconscientes. Essas resistências podem ser vistas como mecanismos de defesa que protegem o sujeito de conteúdos que, por algum motivo, são percebidos como ameaçadores ou difíceis de elaborar. Assim, a transmissão do conhecimento é também um processo de negociação, onde o professor precisa estar atento aos sinais e manifestações subjetivas do aluno, para que o conhecimento seja transmitido de forma significativa.

A psicanálise vê a transmissão do conhecimento como um processo de construção de autonomia. Ao invés de uma simples transferência de informações, a educação psicanaliticamente orientada visa promover a capacidade de reflexão crítica e questionamento no aluno. O objetivo não é produzir sujeitos passivos que absorvem o saber de maneira acrítica, mas sujeitos autônomos que se apropriam desse saber de forma ativa e transformadora. Isso requer que o professor abra espaço para a dúvida, para o erro e para a elaboração pessoal, reconhecendo que o conhecimento é algo a ser constantemente reconstruído e questionado, tanto pelo professor quanto pelo aluno.

Por isso, a psicanálise compreende a transmissão do conhecimento como um processo complexo, marcado por desejos, transferências e resistências. Esse processo envolve não apenas a passagem de conteúdos, mas também a mobilização de afetos, a construção de desejos pelo saber e a promoção da autonomia do sujeito na relação com o conhecimento. Ao reconhecer que o saber é sempre parcial, incompleto e em constante elaboração, a psicanálise convida professores e alunos a engajarem-se em uma relação dialógica e reflexiva, em que a transmissão do conhecimento seja uma experiência viva e transformadora para ambos.

A educação contemporânea, ao transcender a visão utilitarista de ensino, abre caminho para uma abordagem mais holística que prioriza o desenvolvimento humano integral. Neste contexto, a reflexão crítica e a capacidade de lidar com o impossível se tornam centrais. Reconhecer o valor do não-saber como um motor para a transformação e a busca pelo saber autêntico pode ser profundamente emancipador tanto para os educandos quanto para os educadores.

Assim, os professores são convidados a refletir sobre suas próprias práticas e a considerar como podem criar espaços de aprendizagem que não apenas transmitam

conhecimento, mas também inspirem uma jornada contínua de questionamento e descoberta. É neste reconhecimento e nesta abordagem que reside a possibilidade de uma educação verdadeiramente significativa e transformadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIFALLI, L. **Educação e Psicanálise**. São Paulo: Summus, 1982.
- FILLOUX, J. C. **Psicanálise e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- FREUD, S. **Análise fragmentária de uma histeria**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1901. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. **Análise terminável e interminável**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23, 1937). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. **Dinâmica da Transferência**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1912). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. (Obras Completas, 1930). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1927). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. **Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn**. In: FREUD, S. *Obras Completas*, (1925). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 341-346. v. 19.
- FREUD, S. **Sobre a psicologia escolar**. (Obras Completas, 1914). Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 13.
- FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. (1914a). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. Charcot. (1893). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FREUD, S. Psicanálise.. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, [1926] 1988.

- FREUD, S. Relatório sobre os seus estudos em Paris e Berlim. (1886). In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. I. Rio de Janeiro: Imago, [1886] 1988.
- FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, [1925] 1988.
- IMBERT, F. **Psicanálise e Educação: uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUPFER, M. C. **A constituição do sujeito e a educação escolar**. São Paulo: Scipione, 1992.
- KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação**. São Paulo: Scipione, 1989.
- KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- KUPFER, M. C. M. et al. A produção brasileira no campo das articulações entre psicanálise e educação a partir de 1980. **Estilos Clin.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 284-305, dez. 2010.
- LACAN, J. Du discours psychanalytique. In: **Lacan en Italie**. Edition La Salamandra, 1972.
- LACAN, J. **O seminário Livro 17 (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. **O seminário Livro 18 (1971)**. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 1996, circulação interna.
- LAJONQUIÈRE, L. **A psicanálise e o campo educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MILLER, J.-A. **A transmissão da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MRECH, L. M. **A psicanálise e a educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- PEDROZA, D. A dimensão afetiva no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2010.
- PEREIRA, M. E. Subjetividade e ética: reflexões sobre psicanálise e educação. **Revista Psicopedagogia**, 2005.
- VOLTOLINI, R. A. **A transferência na relação professor-aluno**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.